

Areias (S. Vicente)

AREIAS, orago São Vicente, era um curato da apresentação do mosteiro de Vilar de Frades.

O nome de *Areias* vem de um grande *areal* que há junto ao rio Cávado, em frente a esta freguesia, dando esse areal também o nome a outra, que fica na margem oposta do rio, que é Areias de Vilar.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação =« De Sancto Vicentio de Arenis», de Terra de Prado.

Nelas se diz: que o rei tem aqui alguns reguengos, que não é padroeiro e que esta igreja tem sesmarias, a igreja de Braga tem voz e calúnia, fossadeira e directuras, Vilar de Frades 4 casais.

Nas Inquirições de 1258 se diz: = «*in Judicato de Prado* = *in parochia Sancti Vicentii de Áreas* », que *hay* regaengos que se aveen cum Mordomo de Prado, e levam no pam a Prado et dam a meia do chantado; da devesa de Lourentim e da Enfesta leva inde el Rey a sesta, e deven a ir a joizo do Joiz de Prado.

Toda esta freguesia tinha o isento de couto: metade pertencia ao couto do mosteiro dos monges beneditinos de Cervães e a outra parte ao mosteiro também beneditino de Manhente.

Este convento extinguiu-se, passando a abadia secular da apresentação do Convento de São João Evangelista

de Vilar de Frades, ao qual ficou a pertencer o couto de Manhente.

O mosteiro de Cervães extinguiu-se e passou também a abadia secular, da apresentação do arcebispo de Braga, e o couto de Cervães ou de Vilar de Areias, como era conhecido, ficou a pertencer ao arcebispo.

Existe junto ao cruzeiro da capela de Santo André uma pedra em forma de marco espetada na terra e outra junto àquela capela com os seguintes dizeres gravados em uma das faces viradas ao sul: «Braga 1703». Dizem que há outra em Monte de Bois, limites desta freguesia e da de Manhente.

Não podemos asseverar, mas parece-nos que essas pedras marcavam nesta freguesia a parte que pertencia a Cervães (couto do arcebispo de Braga) e a que pertencia ao couto de Manhente (do convento de Vilar de Frades).

Esta freguesia era do concelho de Prado, o qual vinha quase até à vila de Barcelos, ao ribeiro do Tamel ou de Ponteio, passando para o concelho de Barcelos, juntamente com as outras, por decreto de 21 de Março de 1835.

A sua *Igreja Paroquial* esteve primitivamente no lugar da Aldeia (perto do qual existe ainda um cruzeiro, que era o antigo paroquial) sendo, nos fins do século XIX, porém, mudada para o sítio onde está.

É esta um edifício grande, alto e de boa pedraria, levantando-se ao lado esquerdo da sua fachada uma sólida torre para os sinos, com seu relógio, seguindo-se-lhe a sacristia e mais dependências da igreja.

Na sua frontaria de cantaria bem lavrada, tem por cima da porta principal gravado o ano de 1899, data em que terminaram as obras da sua construção.

Ergue-se este edifício no centro de um pequeno largo, ao lado esquerdo da estrada que vem até aqui.

Dentro, está belamente pintado e decorado; é um dos templos mais ricos deste concelho.

A sua capela-mor é forrada a estuque artisticamente pintado.

Ao centro tem um quadro alusivo ao Sacramento, ladeado, aos quatro cantos, das imagens dos evangelistas.

Nas paredes, belamente pintadas, tem do lado da epístola um escudo com as armas dos Cunhas, encimado pelas insígnias episcopais, em homenagem ao arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, e do lado do evangelho as armas pontifícias.

O seu altar é em talha moderna, mas ricamente pintado e doirado.

O Corpo da igreja é também forrado a estuque, tendo ao centro pintada a imagem do padroeiro São Vicente.

Tem dois altares laterais em talha estilo moderno, dois púlpitos em talha doirada, coro sustentado em arco abatido e pia baptismal de mármore muito bem trabalhada.

Está o baptistério metido na parede, debaixo de um arco, tendo ao fundo uma escultura em gesso, representando o baptismo de Cristo, e por dentro do arco, no alto, as armas reais.

No vestíbulo, entre o guarda-vento e a porta principal, tem no tecto a escultura em gesso representando a Fé.

Por cima da janela que dá luz ao coro vê-se pintada a data da inauguração desta igreja—1900.

Na sacristia estão dependurados na parede dois retratos: um do Conselheiro P.^e Domingos José de Sousa e outro de seu irmão o Snr. João José de Sousa Sobrinho, residente na Baía. Ao lado esquerdo da igreja, separada desta pelo adro, ergue-se a *Residência Paroquial*.

No dia 7 de Outubro de 1900 foi a bênção da igreja e inauguração da residência, edifícios mandados construir

pelo Conselheiro P.* Domingos José de Sousa, benfeitor desta freguesia.

Este acto foi revestido de toda a solenidade, assistindo a ele o arcebispo de Braga, o bispo do Porto, o governador Civil de Braga, o presidente da Câmara Municipal de Barcelos, administrador do Concelho, muito clero e povo.

O *Cruzeiro Paroquial* está ao norte da igreja, à margem da estrada que vem até esta.

Não tem inscrição alguma nem data; é de linhas altas e esguias, pecando pela sua simplicidade.

O *Cemitério Paroquial* está à direita da igreja, ao fundo da sua capela-mor.

Por cima do seu portão de ferro tem as letras = CPSVA = e a data 1893.

Ao fundo, em frente a este, ergue-se o Jazigo-capela que o conselheiro P.º Domingos José de Sousa mandou construir para si e família.

No gavetão em que repousa o corpo deste benemérito está pintado um escudo e insígnias de pessoa eclesiástica com as armas dos Sousas e por baixo deste o seu nome, data do nascimento e morte.

A *Capela de Santo André*, no lugar do mesmo nome, é a única capela que existe nesta freguesia.

Esta capela é um templo baixo, largo e atarracado, sita na parte mais elevada de um pequeno outeiro.

Ao lado direito da sua frontaria, ergue-se um pequeno torreão para um sino e atrás, junto à capela-mor, a sacristia.

Dentro, é pobre; na capela-mor, forrada a madeira com pintura antiga, tendo no centro o Ícone do santo padroeiro, tem altar com retábulo em talha estilo moderno; no corpo da igreja, forrado também a madeira pintada,

tem dois altares laterais, em talha simples e moderna, coro e púlpito.

Está este templozinho no centro de um pequeno adro, incompletamente fechado, só com parede por dois lados, estendendo-se na sua frente um grande terreiro, ao fundo do qual se ergue o cruzeiro desta capela.

Na base deste tem a seguinte inscrição: «Sancto André Anno de 1865»; fuste estriado e capitel sem ornatos.

Nesta capela e terreiro faz-se todos os anos uma romaria a S. Brás, cuja imagem se venera em um dos alta-ares laterais.

Esta freguesia, situada em planície nas margens do Cávado, confronta pelo sul com aquele rio, pelo nascente com a freguesia da Lama, bem como pelo norte e pelo poente com a de Manhente e é servida pela estrada de 2ª classe de Barcelos a Montalegre por Prado e por um travesso que dessa estrada vem até à igreja.

As suas fontes públicas são: a do Souto, a de Covelas e a de Matias.

O P.º Carvalho na sua Corografia Portuguesa diz que nesta freguesia há uma fonte, c que na manhã de São João é buscada de doentes, de que muitos serão».

Não sabemos se ainda existe, essa fonte ou qual é das que acabamos de mencionar, cujas águas tinham tão miríficas propriedades na manhã daquele festivo dia.

A população desta freguesia no século XVII era de 40 vizinhos; no século XVIII era de 39 fogos; no século XIX era de 390 habitantes e actualmente é de 489 habitantes, sendo 203 varões e 286 fêmeas, sabendo ler 110 homens e 83 mulheres, havendo pois 296 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Santo André, Portela, Eidos, Quingosta, Monte, Seixos Alvos, Tomadias, Souto, Carvalho, Aldeia, Passal e Penida.

As suas casas mais importantes são: a do Eirado do Monte, a do Soutelo, a de Seixos Alvos, a da Penida, Aldeia, Eido e a do Macedo.

Tem 2 lojas de mercearia, Caixa do Correio, uma fábrica de serração e 14 pequenas olarias.

É nesta freguesia e ainda em outras deste concelho que se fabrica a chamada louça de Barcelos, vendida em quase todo o país.

Esta indústria é muito antiga nesta freguesia; já o P.^e Carvalho em 1706 na sua Corografia Portuguesa, quando se refere a ela, a págs. 222 diz: «aqui se fazem os melhores quartos e púcaros de beber, que deste grosseiro barro na Província se obrão».

Os produtos das suas olarias estão agora muito aperfeiçoados, principalmente os vasos, jarras, bilhas, bustos, estatuetas, etc.

Para estas e outras indústrias que se exercem em várias freguesias, faz falta a criação de uma Escola Industrial, na sede do concelho, onde os artistas se educassem e aprendessem o que lhes fosse útil à sua arte.

Intuição artística e habilidade têm-nas eles de sobra; o que lhes falta é a educação das suas faculdades nativas.

Mas esta freguesia tem sido muito olvidada até quanto à instrução primária, pois nem uma Escola Oficial tem; quem quiser aqui aprender a ler vê-se na necessidade de ir procurar o ensino nas escolas das freguesias vizinhas.

A que miséria chegou uma população de perto de meio milhar de habitantes!

Houve um benemérito que dotou esta freguesia do que há de melhor quanto ao serviço religioso, mandando construir a igreja, a residência e o cemitério; falta porém outro que, dirigindo a sua atenção para a instrução, mande construir uma escola, pelo menos, o que seria uma obra de grande importância para esta progressiva freguesia.

Luz eléctrica já a tem e há muitos anos, cuja energia é fornecida pela Sociedade de Electricidade do N. de Portugal, da sua fábrica da Afurada, que lhe fica próxima.

Esta fábrica está do outro lado do rio, entestando o açude em terrenos já desta freguesia.

Para distribuição da luz aos seus moradores foi construída uma *cabine* em frente à Igreja, do outro lado da estrada. Nasceu nesta freguesia aos 19 de Janeiro de 1849 o Conselheiro *P.^e Domingos José de Sousa*, que cantou missa em 1874 e foi aqui pároco durante muitos anos. Senhor de grandes haveres, herança de um tio residente no Algarve, deu largas aos seus sentimentos filantrópicos.

Mandou edificar na freguesia da sua naturalidade a Igreja Paroquial, a Residência, o Cemitério, deu princípio a um Bairro Operário, iniciando a construção em 1903 de uma série de casas, promoveu a abertura da estrada até à igreja e foi um dos que mais trabalhou para conseguir o benefício da iluminação eléctrica.

Benfeitor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, tem o seu retrato na galeria daquela instituição de caridade. Presidente da Câmara Municipal de Barcelos em 1908, agraciado pelo governo, em 1901, com a carta de conselheiro e por Sua Santidade, em 1902, com as honras de Monsenhor Protonotário Apostólico, foi convidado para bispo de Évora, lugar que não aceitou "por falta de saúde.

Faleceu na sua casa de Barcelos, à rua Barjona de Freitas, em 22 de Junho de 1914, sendo sepultado no jazigo que tinha mandado fazer no Cemitério da freguesia de São Vicente de Areias.